

**COLÉGIO PEDRO II**

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura  
Especialização em Ciências Sociais e Educação Básica

Ingrid Nascimento Amaral

**POESIA PRETA E PERIFÉRICA:  
pedagogia decolonial no ensino**

Rio de Janeiro  
2022



Ingrid Nascimento Amaral

**POESIA PRETA E PERIFÉRICA:  
pedagogia decolonial no ensino**

Produto educacional da Especialização apresentado ao Programa de Especialização em Ciências Sociais e Educação Básica vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ciências Sociais.

Orientador(a): Prof(a). Ma Clarissa Tagliari Santos

Rio de Janeiro  
2022

**COLÉGIO PEDRO II**

**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA**

**BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER**

**CATALOGAÇÃO NA FONTE**

A485 Amaral, Ingrid Nascimento  
Poesia preta e periférica : pedagogia decolonial no ensino / Ingrid  
Nascimento Amaral. — Rio de Janeiro, 2022.

23 f.

Produto educacional apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso  
(Especialização em Ensino de Ciências Sociais e Educação Básica) –  
Colégio Pedro II. Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e  
Cultura.

Orientador: Clarissa Tagliari Santos.

1. Ciências Sociais - Estudo e ensino. 2. Educação decolonial. 3.  
Movimento negro - Brasil. 4. Periferias. I. Santos, Clarissa Tagliari. II.  
Colégio Pedro II. III Título.

CDD 300

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 – 5692.

**INGRID NASCIMENTO AMARAL**

**POESIA PRETA E PERIFÉRICA:  
pedagogia decolonial no ensino**

Produto educacional da Especialização apresentado ao Programa de Especialização em Ciências Sociais e Educação Básica vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ciências Sociais.

Aprovado em 30 de outubro de 2022.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof. Ma. Clarissa Tagliari Santos

ECSEB-CPII

Orientador

---

Prof. Ma. Silzane de Almeida Carneiro

ECSEB-CPII

---

Prof. M.e Jorge Augusto Correa Ribeiro

SME/RJ e PropED/UERJ

Rio de Janeiro

2022

**POESIA PRETA E PERIFÉRICA:  
pedagogia decolonial no ensino**

**Ingrid Nascimento Amaral**

AMARAL, Ingrid Nascimento Amaral. **Poesia preta e periférica: pedagogia decolonial**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ciências Sociais e Educação Básica) – Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 2022..

**Resumo:** Este produto educacional apresenta uma proposta de sequência didática baseada no projeto "Poesia Preta: Poetas Negros(as) da Zona Oeste", idealizado pelo Coletivo negro Waldir Onofre. A sequência didática é constituída de três momentos: análise do poema "*Dulce Mendes Vasconcellos*" (Passo 1), da poetisa Gicelli Cândido; apresentação dos conceitos "preconceito, discriminação e racismo" (Passo 2) e proposta de atividade pedagógica chamada "Mapa dos Movimentos" (Passo 3). Dessa forma, pretende-se apresentar uma das possibilidades de contribuição do movimento negro e periférico - e seus projetos – para uma pedagogia decolonial na escola básica. Mais especificamente, busca-se potencializar a aproximação do ambiente escolar com a Zona Oeste do Rio de Janeiro, enquanto território de saberes, cultura e luta antirracista.

**Palavras-chave:** Pedagogia Decolonial. Movimento Negro. Periferia.

AMARAL, Ingrid Nascimento Amaral. **Poesia preta e periférica: pedagogia decolonial**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ciências Sociais e Educação Básica) – Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 2022..

**Abstract:** This educational product presents a proposal for a didactic sequence based on the project "Black Poetry: Black Poets from the West Zone", conceived by the black Coletivo Waldir Onofre. The didactic sequence consists of three moments: analysis of the poem "Dulce Mendes Vasconcellos" (Step 1), by the poet Gicelli Cândido; presentation of the concepts "prejudice, detection and racism" (Step 2) and proposal for a pedagogical activity called "Map of Movements" (Step 3). In this way, it is intended to present one of the possibilities of contribution of the black and peripheral movement - and its projects - for a decolonial pedagogy in basic school. More specifically, it seeks to enhance the approximation of the school environment with the West Zone of Rio de Janeiro, as a territory of knowledge, culture and anti-racist struggle.

**Keywords:** Decolonial Pedagogy. Black Movement. Periphery.

## LISTA DE FIGURAS (ILUSTRAÇÕES)

- Figura 1 - Divisão do município do Rio de Janeiro por Áreas de Planejamento..... [13 Pág.]
- Figura 2 - Mapa da Zona Oeste..... [14 Pág.]
- Figura 3 - Inauguração do Coletivo Negro Waldir Onofre .....[15 Pág.]
- Figura 4 - Capa do Livro “Poesia Preta: poetas negros(as) da Zona Oeste..... [16 Pág.]
- Figura 5 - Inscrições do Poesia Preta: Poetas Negros(as) da Zona Oeste..... [16 Pág.]
- Figura 6 - Alunos da Cidade de Deus fazendo o Mapa dos Movimento Periféricos ..... [20 Pág]

## SUMÁRIO

1. **Introdução ..... [10 Pág.]**
2. **Os vestígios de colonialidade na educação ..... [ 10 Pág.]**
3. **Poesia Preta - Poetas negros(as) da Zona Oeste: culturas periféricas no ensino decolonial ..... [ 11 Pág.]**
  - 3.2 **Zona Oeste Carioca: pólo de expansão habitacional, mas não de direitos. .... [ 12 Pág.]**
  - 3.3 **Coletivo negro e periférico: a luta pelo direito à educação decolonial ..... [ 14 Pág.]**
4. **Poesia Preta e Periférica: pedagogia decolonial na prática ..... [17 Pág.]**
5. **CONCLUSÃO ..... [20 Pág.]**
6. **REFERÊNCIAS ..... [22 Pág.]**

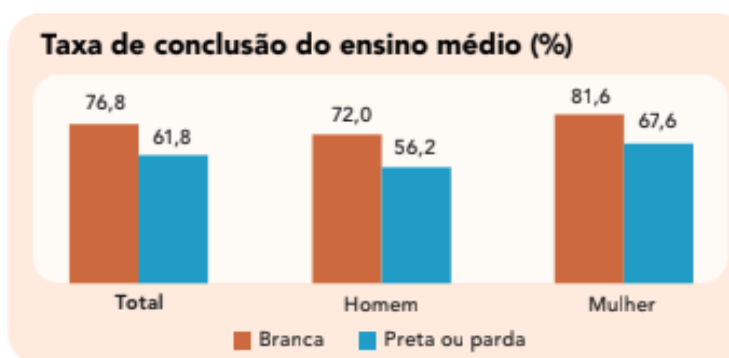
## 1. Introdução

A proposta de uma educação decolonial significa desnudar as disputas de narrativas que encontramos na área da educação. Por este motivo, inicialmente, a pesquisa atenta para como a colonialidade interfere na educação. Em seguida, desenvolvemos uma reflexão ampla sobre a implementação de uma pedagogia decolonial a partir da produção cultural e estratégias educacionais desenvolvidas por artistas periféricos da Zona Oeste do Rio de Janeiro e pelo Movimento Negro. Acreditamos que, assim, pode ser gerada a chave concreta para um debate afrocentrado, formulando mecanismos educacionais com melhor diálogo entre a juventude brasileira, negra e periférica.

## 2. Os vestígios de colonialidade na educação

A Lei 10.639 de 2003, estabelece a obrigatoriedade nas redes de ensino da temática da História e Cultura Afro-brasileira, uma conquista proporcionada pela luta dos movimentos negros. A partir da Lei 11.645/2008, a abordagem das culturas indígenas nos estabelecimentos de ensino médio e fundamental também foi contemplada. Como consequência destas mudanças curriculares, as universidades começaram a adaptar suas grades acadêmicas com cursos direcionados às questões étnico-raciais. Contudo, mesmo com as leis em vigor, as escolas continuam com um viés predominantemente “reprodutivista” e “bancário” no educar. A ancestralidade africana e indígena ainda não são contempladas de forma ampla e aprofundada no processo pedagógico.

Segundo o IBGE (2019), com o avanço das políticas públicas, os indicadores educacionais da população preta e parda entre 2016 e 2018 apresentou melhora, porém a desvantagem em relação aos brancos ainda é evidente. Os índices sobre abandono escolar em relação os negros e negras são gritantes no ensino médio. Na pesquisa feita no dossiê “Desigualdades por cor e raça no Brasil”, a taxa de conclusão do ensino médio é de 61,8% para negros (pretos e pardos) e 76,8% para brancos:



As desigualdades sociais - estabelecidas pelos vestígios da escravidão no Brasil - são apenas um dos fatores que englobam o abandono escolar. No artigo da revista Geledes “O que afasta crianças e adolescentes negros da escola” (2014), a jornalista Juliana Gonçalves representante

do Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades (CEERT), afirma que apesar da pobreza e da violência criarem um cenário propício para o abandono escolar, esses aspectos não foram os mais citados pelos estudantes como o motivo para deixarem de frequentar a escola. A falta de interesse na escola foi o marcador com 40% das afirmações dos estudantes. Dessa forma, considera-se que o índice de evasão escolar pode ser explicado também pela falta de estímulo do sistema educativo que não contempla a cultura e a identidade dos jovens negros.

A colonialidade interfere diretamente no saber ao negar a humanidade e a epistemologia dos indígenas e negros. A continuidade das concepções eurocêntricas nas lógicas econômicas, políticas e cognitivas, da existência, da relação com a natureza foram forjadas no período colonial - como afirma Grosfoguel no artigo “Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico” (2018).

A modernidade/colonialidade silenciou as diversas formas de conhecimento trazidas fora do eixo “europeu de viver”. A libertação das narrativas marginalizadas pode ser feita através do reconhecimento das epistemes decoloniais e emancipadoras, como é colocado no artigo “Pedagogia Decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil”, por Luiz Fernandes de Oliveira:

A questão central num projeto de emancipação epistêmica é a coexistência de diferentes epistemes ou formas de produção de conhecimento entre intelectuais, tanto na academia, quanto nos movimentos sociais, colocando em evidência a questão da geopolítica do conhecimento (...) entende-se geopolítica do conhecimento como a estratégia da modernidade europeia que afirmou suas teorias, seus conhecimentos e seus paradigmas como verdades universais e invisibilizou e silenciou os sujeitos que produzem conhecimentos “outros”. Foi esse o processo que constituiu a modernidade que não pode ser entendida sem se tomar em conta os nexos com a herança colonial e as diferenças étnicas que o poder moderno/colonial produziu. (OLIVEIRA, 2010, p 23)

Levando em conta que a colonização no âmbito do saber é produto de um longo processo de colonialidade, precisamos estabelecer mecanismos para uma educação decolonial que inclua efetivamente a população negra e periférica, valorizando seus conhecimentos e vivências.

### **3. Poesia Preta - Poetas negros(as) da Zona Oeste: culturas periféricas no ensino decolonial.**

A cultura e as propostas feitas pelos movimentos negros da cidade do Rio de Janeiro podem ser uma forma de incentivar a identificação da juventude preta com o “ensino”, principalmente para a manutenção desses jovens no espaço escolar. Ao longo da história, podemos ver os movimentos negros como propagadores dos saberes construídos contra o racismo epistemológico. Não é em vão que Nilma Lino Gomes (2020) afirma que o “Movimento negro é um educador”, através destes movimentos tivemos avanços na

construção de políticas públicas que combateram a educação bancária e a defesa da equidade racial nas instituições de ensino.

Como um exemplo de incentivador da educação antirracista temos o Teatro Experimental do Negro (TEN), que nasceu em 1944 e foi idealizado por Abdias Nascimento. Segundo Nilma Lino Gomes, o TEN alfabetizava seus primeiros participantes recrutados entre operários, empregados domésticos e favelados sem profissão definida. O objetivo era contestar a discriminação racial, formando atores e dramaturgos resgatando as heranças africanas. Este Movimento teve impacto nas reivindicações pelo acesso à educação para a população negra:

O TEN também publicou o jornal Quilombo (1948-1950), que apresentava em todos os números a declaração do “Nosso Programa”. A reivindicação do ensino gratuito para todas as crianças brasileiras, a admissão subvencionada de estudantes negros nas instituições do ensino secundário e universitário (...), o combate nas medidas culturais e de ensino e o esclarecimento da imagem positiva do negro ao longo da história eram pontos importantes dessa organização. (GOMES, 2020, p. 31).

O TEN é uma referência de instituição que mostrou a possibilidade de atuar como pedagogia antirracista, levando em conta, as vivências e narrativas da população negra. É evidente que os abismos na educação perpassam décadas com a colonialidade, entretanto, os educadores podem aprender com as lutas dos movimentos negros que continuam se repaginando com a cultura para denunciar os problemas do racismo estrutural nas periferias.

Desde os primeiros anos do século XX, a política urbana do Rio de Janeiro se pautou em segregar a população negra das zonas centrais cariocas, inicialmente com o discurso da *Belle Époque*<sup>1</sup> e a *reforma urbana calcada no ideal eurocentrado de “modernidade”*. Os processos de resistência dos atores culturais do movimento negro periférico, como o TEN, continuam no século XXI atravessando anos e se ressignificando de acordo com as demandas estabelecidas pela contemporaneidade.

O presente produto educacional se constitui enquanto uma proposta de resistência que parta da poesia negra periférica. E como pensarmos em uma pedagogia decolonial que oriente o processo educativo? Tendo em vista que cada território tem a sua especificidade, principalmente, quando falamos sobre regiões periféricas da cidade do Rio de Janeiro, apresentaremos a seguir alguns aspectos característicos da Zona Oeste

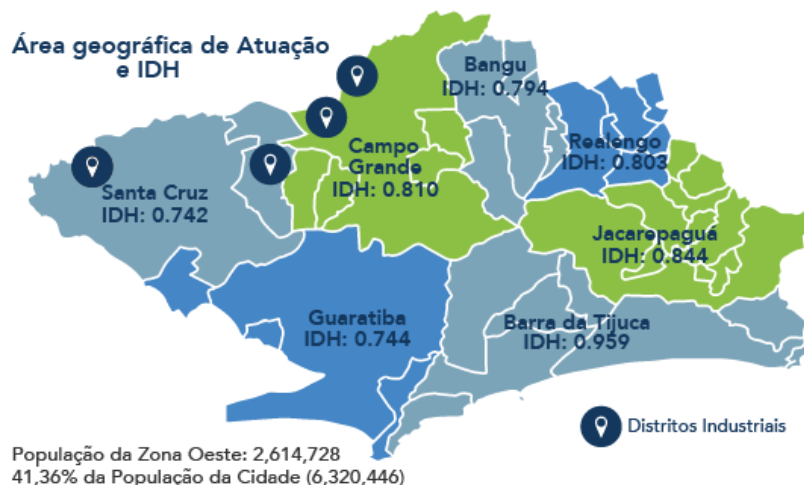
### **3.2. Zona Oeste Carioca: pólo de expansão habitacional, mas não de direitos.**

Para planejarmos ações concretas decoloniais, é preciso direcionar as pesquisas de acordo com o recorte periférico e pensarmos como foi o processo de construção da cidade, os obstáculos da população negra em seus territórios de pertencimento. O geógrafo Andreilino Campos, na introdução do seu livro “Do Quilombo à Favela” (2012), afirma que o

---

<sup>1</sup> Neste período a população negra foi expulsa das áreas centrais com o “bota-abaixo” para a construção de avenidas amplas, baseadas no modelo de cidade francesa.





Fonte: [http://www.institutorio.org.br/sobre\\_a\\_zona\\_oeste](http://www.institutorio.org.br/sobre_a_zona_oeste)

No Censo (2010), que faz um recorte racial, a AP5 possuía 1.704.773 de habitantes e, deste total, 228.722 se consideravam pessoas pretas e 790.222 pardas, totalizando 59,77% de pardos e pretos nesta região. Na área da educação, de um total de 325.840 pessoas analfabetas recenseadas pelo Censo Demográfico 2010 no município do Rio de Janeiro cerca de 32% estavam concentradas na Área de Planejamento 5 (MOREIRA, 2015).

Entende-se, então, que a exclusão da Zona Oeste do Rio de Janeiro das políticas públicas destinadas às áreas centrais, pode ter relação com as questões raciais diretamente ligada à colonialidade e à segregação socioespacial.

### 3.3. Coletivo negro e periférico: a luta pelo direito à educação decolonial

As mobilizações coletivas e periféricas surgem da facilidade no acesso - sem burocracias - e pela identificação com as pautas territoriais. Os problemas que atingem a juventude negra podem levar as construções coletivas, como afirma Edivan de Oliveira Fulgencio na dissertação de mestrado “Mobilizações coletivas de Campo Grande, RJ, do direito à cidade à utopia anticapitalista global” (2020):

*Os jovens, estudantes, as periferias e os negros são setores atraídos para as mobilizações pela facilidade de acesso, sem burocracia de filiações, sem necessidade de comprovações identitárias. As pessoas aderem às causas por identificação ideológica, solidariedade a uma causa (ou várias). Ocorre uma aproximação natural de sentimentos e desejos de ação e transformação, unindo e mobilizando coletivamente indivíduos em arranjos associativos diferentes e renovadores das formas de organização popular tradicionais. (FULGENCIO, 2020, p.67)*

Os movimentos negros periféricos podem ser aliados na inserção da pedagogia decolonial e na luta pelo direito à cidade. Utilizaremos como exemplo o Coletivo Negro Waldir Onofre, idealizador do *Projeto Poesia Preta: Poetas Negros(as) da Zona Oeste*.

O Coletivo Negro Waldir Onofre é um movimento que nasceu em 2016 (Figura 3) a partir de um grupo de estudantes do Diretório Central dos Estudantes (DCE) da Fundação Unificada Campograndense (FEUC), localizada no Bairro de Campo Grande. Neste momento inicial, o objetivo do coletivo se voltava para pautar questões etnico-raciais no ensino superior e questionar a falta de visibilidade dos personagens negros na grade curricular da licenciatura em História da instituição. O Coletivo impacta e marca território pelo próprio nome, Waldir Onofre foi ator e cineasta negro - morador de Campo Grande - que faleceu em 2015 sem merecido reconhecimento (FULGENCIO, 2020).

**Figura 3 - Inauguração do Coletivo Negro Waldir Onofre**



Fonte: Página na rede social Facebook do Coletivo Negro Waldir Onofre. Disponível em:  
<https://www.facebook.com/CNWaldirOnofre>

Mais recentemente, as ações do Coletivo Negro Waldir Onofre se expandiram. Em 2021, o movimento monta o projeto “Poesia Preta: Poetas Negros(as) da Zona Oeste”- contemplado pelo Fomento à Cultura Carioca (FOCA) da Secretaria Municipal de Cultura (SMC) - com o objetivo de confeccionar um livro com 60 poesias feitas por poetas negros (as) da Zona Oeste do Rio de Janeiro (Figura 4). Deste livro, irão ser feitos 250 exemplares para a distribuição em escolas públicas da Zona Oeste do Rio de Janeiro e instituições de tenham a educação como o principal eixo. Houve um processo seletivo para a escolha dos poetas divulgado nas redes sociais de coletivos parceiros, em núcleos partidários e dos movimentos sociais (Figura 5).

**Figura 4 - Capa do Livro “Poesia Preta: poetas negros(as) da Zona Oeste**



Fonte: Editora Ascensão. Disponível:  
[https://www.instagram.com/p/Cj9tG9rLflG/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/p/Cj9tG9rLflG/?utm_source=ig_web_copy_link)

**Figura 5 - Inscrições do Poesia Preta: Poetas Negros(as) da Zona Oeste**



Fonte: Blog Saravá Cultural. Disponível:  
<https://saravaculturalptrj.blog/2022/03/25/inscricoes-abertas-para-poesia-preta-poetas-negros-da-zona-oeste/>

Conforme os dados cedidos pelo Coletivo Negro Waldir Onofre, o projeto contemplou artistas de diferentes áreas da Zona Oeste entre favelas, quilombos urbanos e bairros periféricos, como: Bangu, Quilombo Dona Bilina (Rio da Prata), Santíssimo, Gardenea Azul (Taquara), Carobinha (Campo Grande), favela do Barbante (Campo Grande), Comunidade do 77 (Padre Miguel), Vila Kennedy, Fumacê (Realengo), Santa Margarida (Campo Grande).

Para despertar o interesse dos alunos negros e periféricos, é preciso entender as vivências e a realidade na qual os mesmos se encontram. Segundo Paulo Freire (2018) a escuta descuidada

das demandas do oprimido pode refletir o desejo do opressor, por isso a necessidade de uma escuta atenta e crítica para perceber as relações socioculturais no ambiente escolar é necessária. A poesia preta feita por pessoas periféricas pode acolher jovens e adultos com a mesma realidade social que os escritores. A seguir, entenderemos como é possível utilizar os trabalhos feitos pelo movimento negro periférico em sala de aula.

#### 4. Poesia Preta e Periférica: pedagogia decolonial na prática

Para materializar o conceito de *pedagogia decolonial*, o Coletivo Negro Waldir Onofre concedeu seu banco de dados para realização da pesquisa. Inicialmente, iremos apresentar uma poesia cedida pelo movimento, chamada “*Dulce Mendes Vasconcellos*” (Passo 1), da poetisa Gicelli Cândido. Partimos, assim, da produção cultural realizada por uma poetisa pertencente à Zona Oeste, valorizando e incentivando as narrativas de pessoas negras vinculadas ao território. Como recurso didático, destacamos alguns trechos da poesia relacionados à cultura negra da Zona Oeste e à questão racial e criamos boxes explicativos de forma a permitir a familiarização dos estudantes. Em seguida, mostraremos os conceitos “preconceito, discriminação e racismo” (Passo 2), posteriormente, utilizaremos atividade pedagógica chamada “Mapa dos Movimentos” (Passo 3).

##### Passo 1 - Apresentação da poesia



Fonte: Elaborado pela autora

Assim como o TEN incentivou o combate ao racismo por meio do teatro, a poesia preta é um recurso potente para o reconhecimento da agência dos indivíduos negros na luta e conquista de seus direitos. No exemplo acima, os trechos destacados nos boxes explicativos remetem sujeitos e espaços de luta nascidos e liderados pessoas atuantes nos movimentos negros.

É possível perceber o enaltecimento da professora Dulce Mendes de Vasconcellos. Militante do Movimento Negro, moradora de Campo Grande, na Zona Oeste do Rio, Dulce foi uma das fundadoras e primeira presidente do Centro de Estudos e Divulgação das Culturas Negras (Cedicun)<sup>2</sup>, entidade que funciona naquele bairro, atualmente está sob a presidência do poeta Sérgio Alves. Dulce preside ainda o Conselho Municipal de Defesa dos Direitos do Negro, entidade criada com o objetivo de incorporar à rotina administrativa da cidade do Rio de Janeiro políticas públicas voltadas para o fortalecimento da igualdade racial (REIS, 2014).

Outro destaque importante a ser trabalhado com os estudantes é a frase “*Vidas Negras Importam*” - tradução de *Black Lives Matter*. O Movimento surgiu em 2020 após o assassinato de George Floyd, cidadão negro norte-americano, por um policial branco. O assassinato por sufocamento comoveu o mundo inteiro, inclusive os brasileiros que se identificaram com os abusos sofridos pela polícia brasileira e entraram na onda de manifestações contra o genocídio da população preta no país.

O poema pode trazer familiarização para os alunos da Zona Oeste no espaço escolar, incentivando a pesquisa, por se tratar de um movimento negro com fácil acesso e ativo até os dias de hoje no território.

### **Passo 2 - Apresentação dos conceitos: o que é preconceito, discriminação e racismo?**

Para que os estudantes possam fazer uma análise crítica sobre as desigualdades raciais no país e a necessidade dos movimentos negros periféricos, é importante o primeiro contato com os conceitos “*discriminação, preconceito e racismo*”. No quadro abaixo, apresentamos de forma esquemática essas três categorias que, embora associadas, são fenômenos distintos.

**TABELA 1 - Conceitos “discriminação, preconceito e racismo” (2013)**

<b>Preconceito</b>	<b>Discriminação</b>	<b>Racismo</b>

<sup>2</sup> O CEDICUN é uma das entidades filiadas ao COMDEDINE – Conselho Municipal de Defesa dos Direitos do Negro – Órgão representativo que agrega toda uma rede de entidades combativas e atuantes do chamado Movimento Negro. Disponível em: <https://czorj.blogspot.com/2020/05/conexao-artistica-cedicun.html>

<p>Conceito ou opinião formada antecipadamente, sem maior ponderação ou conhecimento dos fatos; julgamento ou opinião formada sem levar em conta os fatos que o contestem.</p>	<p>Separar, distinguir, estabelecer diferenças. A discriminação racial corresponde ao ato de apartar, separar, segregar pessoas consideradas racialmente diferentes.</p>	<p>Teoria que sustenta a superioridade de certas “raças” em relação a outras, promovendo ou não a segregação racial ou até mesmo a extinção de determinadas “minorias”.</p>
--	--	---

Fonte: Oliveira e Costa (2013). Elaborado pela autora.

O preconceito racial fundamenta-se em estereótipos que associam um grupo racial a determinadas características negativas (por exemplo, associar pessoas negras a comportamentos violentos ou à criminalidade). Enquanto o preconceito racial pertence ao campo das ideias, a discriminação ocorre sempre no plano das ações (por exemplo, a abordagem de pessoas negras em revistas policiais com muito mais frequência do que pessoas brancas; o uso sistemático da violência policial em territórios periféricos). Historicamente, o racismo remete às ideias eurocêntricas e eugenistas que elegeram o homem branco europeu como modelo universal. Tomado como parâmetro de superioridade, o homem universal opera a classificação dos grupos humanos com base em suas características físicas e culturais e nega a capacidade de desenvolvimento social fora do ocidente europeu (OLIVEIRA E COSTA, 2013). O racismo se materializa na discriminação sistemática que gera desvantagens para determinado grupo racial. Neste sentido, é fundamental reconhecer o caráter estrutural do racismo: ele não é um ato de um ou outro indivíduo; o racismo permeia as relações sociais em todas as suas dimensões: política, econômica, familiar, escolar, etc. (ALMEIDA, 2020).

A mobilização dos conceitos acima a partir da explanação das situações que levaram às manifestações *Vidas Negras Importam* permite apresentá-los de forma contextualizada e significativa para os jovens da periferia. Articulados ao debate sobre a associação entre território periférico e violência policial, os conceitos possibilitam discutir as especificidades e a maior incidência das violências sofridas pela população negra brasileira em relação às pessoas brancas. Identificar o caráter racista da violência estatal é imprescindível para a proposição de mudanças estruturais em seu *modus operandi*.

### **Passo 3 - Mapa dos movimentos periféricos**

Como atividade final da sequência didática, propomos que os alunos elaborem um mapa com os movimentos periféricos dos seus territórios. Esta metodologia incentiva os estudantes a buscarem soluções para as problemáticas sociais que passam, elaborando agendas locais e criando redes de apoio. O trabalho já foi utilizado com os alunos do *Papo de Futuro*, projeto da Secretaria Especial da Juventude Carioca (JUV-RIO), na favela da Cidade de Deus (Figura

5). Lembrando que este território, no Censo (2010), sinalizava 36.515 habitantes, somando em pretos e pardos, um percentual correspondente a 72,14% da população do território.

**Figura 6 - Alunos da Cidade de Deus fazendo o Mapa dos Movimento Periféricos**



Fonte: Foto tirada pela autora, projeto Papo de Futuro na Cidade de Deus (2022).

## 5. Conclusão

As desigualdades sociais não são os únicos fatores que levam à falta de interesse pela escola dos alunos negros e periféricos. Os vestígios da colonialidade no ensino afastam a população negra dos ambientes escolares. O conhecimento dos movimentos negros e periféricos, que não necessariamente tem origem nos bancos acadêmicos e nem nos meios políticos partidários, surgem das vivências sociais. A educação através da arte, das metodologias desenvolvidas por estes movimentos, mostram caminhos para uma pedagogia decolonial e libertária.

Cada vez mais, se tem feito debates sobre a inclusão de agendas locais para o desenvolvimento das políticas públicas nos territórios favelados e periféricos, que partem de iniciativas dos próprios moradores destes lugares. O Coletivo Negro Waldir Onofre é um dos exemplos citados para a desenvolvimento de um material didático a partir das poesias periféricas. A linguagem dos poetas negros da Zona Oeste sobre as suas vivências estimulam o acolhimento e o pertencimento aos estudantes. Acreditamos que a chave para uma educação libertadora pode vir da troca em sala de aula entre professor e aluno a partir da produção vinculada ao território. Há experiências e obras realizadas por artistas próximos da

desigualdade racial e social, buscando novos caminhos através da cultura negra e da educação decolonial.

## 6. Referências bibliográficas

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020. (Coleção Feminismos Plurais)

BLOG SARAVÁ CULTURAL. **Inscrições para o Poesia Preta: Poetas Negros (as) da Zona Oeste**. 2022. Disponível em: <https://saravaculturalptrj.blog/2022/03/25/inscricoes-abertas-para-poesia-preta-poetas-negros-da-zona-oeste/>. Acesso em: 25 set. 2022.

BRASIL. Lei n.10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro- Brasileira", e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 10 jan. 2003.

BRASIL. Lei n. 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 11 mar. 2008.

CAMPOS, Andreilino. **Do Quilombo à Favela: a produção do espaço "criminalizado" no Rio de Janeiro** - 5ª ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012, p. 19.

CONEXÃO ZONA OESTE. **Conexão Artística - CEDICUN**. 2020. Disponível em: <https://czorj.blogspot.com/2020/05/conexao-artistica-cedicun.html>

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 66. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

FULGENCIO, Edivan de Oliveira. **Mobilizações coletivas de Campo Grande, RJ, do direito à cidade à utopia anticapitalista global**. 2020, p. 135. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Centro de Tecnologia e Ciências Instituto de Geografia, Rio de Janeiro, 2020.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação** - Petrópolis, RJ: Vozes, 2017, p. 31.

GONÇALVES, Juliana. **O que afasta crianças e adolescentes negros da escola**. 2014. Disponível em: [https://www.geledes.org.br/o-que-afasta-criancas-e-adolescentes-negros-da-escola/?gclid=Cj0KCQjwjvjaYBhDIARIsAO8Pke3ar3\\_lzqw5e1yrcDrTi-WKraJYSuuXJCgx20EgOA26pFjEx8oiL0YaAhR\\_EALw\\_wcB](https://www.geledes.org.br/o-que-afasta-criancas-e-adolescentes-negros-da-escola/?gclid=Cj0KCQjwjvjaYBhDIARIsAO8Pke3ar3_lzqw5e1yrcDrTi-WKraJYSuuXJCgx20EgOA26pFjEx8oiL0YaAhR_EALw_wcB). Acesso em: 20 set. 2022.

GROSFOGUEL, Ramón. **Decolonialidade e o pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018, p. 10.

IBGE. Estudos e Pesquisas - Informações demográficas socioeconômicas. **Desigualdades por cor e raça no Brasil**, nº 41, 2019.

INSTITUTO PEREIRA PASSOS. **Data Rio**. Disponível em: <https://www.data.rio/documents/7a609089e2254154a1c154c198671782/explore>. Acesso em: 25 set. 2022.

INSTITUTO RIO. **Sobre a Zona Oeste**. Disponível em: [http://www.institutorio.org.br/sobre\\_a\\_zona\\_oeste](http://www.institutorio.org.br/sobre_a_zona_oeste). Acesso em: 25 set. 2022.

MOREIRA, Fernando de Souza. **“Vulnerabilidade socioambiental na Área de Planejamento 5 na Zona Oeste do município do Rio de Janeiro”**. 2015, p. 89.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes. **Sociologia para jovens do século XXI** - 3 ed. - Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2013, p. 267.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes. **Sociologia para jovens do século XXI** - 3 ed. - Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2013, p. 268

PIRES, Breiller. **“Vidas negras importam” chacoalha brasileiros entorpecidos pela rotina de violência racista**. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-06-06/vidas-negras-importam-chacoalha-parcela-de-brasileiros-entorpecida-pela-rotina-de-violencia-racista.html>. Acesso em: 20 set. 2022.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes. **Pedagogia Decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil**. 2010, p. 23.

REIS, Renato. **O dia para refletir: liderança do Movimento Negro discute a passagem do 13 de maio, data que ainda desperta controvérsias**. 2014. Disponível em: <http://arquivo.jornalatual.com.br/2014/05/o-dia-e-para-refletir/>. Acesso em: 25 set. 2022.